



Prólogo

Maior de 1796, Wiltshire

O vento sibilava por entre as frestas da janela como se os espíritos da noite atirassem risos de escárnio aos vivos. Protegida no interior da pequena choupana, deitada em uma cama de aspecto desconfortável e tendo por companhia um grosso cobertor de lã de carneiro, encontrava-se a Srta. Mary Colburne. Possuía o tipo de beleza sutil que costumava passar despercebida à primeira vista. Os cabelos compridos e encaracolados eram de uma tonalidade comum de castanho enquanto os olhos pretos, semicerrados por grandes pálpebras, eram considerados o seu melhor atrativo. Apesar da personalidade cativante e conciliadora, a Srta. Colburne permanecia solteira aos vinte e dois anos de idade.

Desde o casamento de sua irmã mais velha há três meses, Mary morava sozinha na casa que pertencera aos seus pais, em Charlton St. Peter — um modesto vilarejo do condado de Wiltshire que ganhara notoriedade quando Stephen Duck, proeminente poeta nascido e criado naquelas terras, teve a honra de conhecer a Rainha Caroline e de ser nomeado como um dos Homens da Guarda.

Seu pai havia sido o terceiro filho de um proprietário de terras, que não tivera a felicidade de construir a própria fortuna. Após um surto de tifo, o Sr. Colburne embarcou em uma viagem sem volta para o outro mundo, o que levou a viúva e suas duas filhas a procurarem meios de prover o sustento da família. Por muitos anos, a Sra. Colburne atuou como dama de companhia da condessa viúva de Dowding e construiu uma reputação impecável que nem mesmo as más línguas conseguiram arruinar. Na ocasião de sua morte, foi sepultada ao lado do marido nos terrenos sagrados da Igreja de *St. Peter* após receber a última bênção do reverendo.

Com a morte da mãe, Mary fora gentilmente convidada por Lady Dowding a assumir o posto como sua nova dama de companhia. Seus dias e noites eram dedicados a cuidar das necessidades da velha condessa que residia em uma casa de viúva dentro dos limites da propriedade do conde de Dowding. À exceção, acontecia em uma folga semanal aos domingos que durava até as manhãs do dia seguinte.

Enquanto ouvia o vento sussurrar de modo ameaçador, Mary Colburne pensou na infelicidade de seu descanso acontecer justamente em um dia tempestuoso. A casa de dois cômodos, herdada de seus pais, não possuía o que chamavam de “*estrutura sólida*”. A água da chuva sangrava entre os enormes buracos do teto e produzia um ruído característico ao atingir os baldes posicionados no chão a fim de evitar que a água se espalhasse.

Visto que conciliar o sono com o irritante barulho parecia fora de questão, Mary levantou-se e vestiu um casaco por cima da camisola de linho. Esfregou os olhos cansados

repetidas vezes e suprimiu um bocejo enquanto caminhava na direção da lareira do aposento principal, que se dividia entre a cozinha, a sala de estar e a de jantar.

As brasas queimavam a um ritmo lento, lançando uma luminosidade pouco convincente ao redor. Os ocasionais estalos da madeira, consumida pelo fogo, pareciam competir com o barulho incômodo das goteiras. Com um atiçador nas mãos, Mary cutucou as brasas em busca do aconchego deleitoso das chamas.

Quando finalmente o calor afastou a rigidez em seu corpo, retirou de dentro do armário uma lata onde costumava guardar biscoitos assados. Estava prestes a mordiscar a ponta da iguaria quando foi sobressaltada por pancadas violentas na porta da frente. A lata escorregou de suas mãos e atingiu o chão, espalhando migalhas doces sobre os seus pés descalços.

Cada músculo de seu corpo entrou em alerta no momento em que o barulho cessou repentinamente. Tentou ouvir algo em meio às trovadas e ao vento sibilante, mas não conseguiu distinguir nenhum outro som.

Aos poucos, seu coração recuperou o ritmo dos batimentos. Começava a tranquilizar-se quando as pancadas secas e insistentes voltaram a reverberar no aposento. Indecisa, Mary ponderou sobre como agir em circunstâncias tão inusitadas. As chances de se deparar com uma pessoa em necessidade eram exatamente as mesmas de abrir a porta para um rufião agressivo.

Sua irmã, Abigail, a aconselharia a reforçar a tranca e procurar refúgio no quarto, até que o visitante inconveniente desistisse de seus intentos. Mas e no caso de se tratar de um viajante perdido em busca de abrigo em meio a tempestade? Não que estivesse disposta a receber estranhos em sua casa, mas poderia indicar o caminho da hospedaria do vilarejo.

Segurando o atiçador de fogo nas mãos, Mary caminhou lentamente até a porta da choupana. Com movimentos silenciosos, afastou o trinco e se preparou para girar a maçaneta. Uma minúscula abertura surgiu. Ao espreitar a fresta, conteve o fôlego.

Recostada contra o batente, o rosto bonito atormentado por dores excruciantes, encontrava-se uma jovem prestes a trazer uma criança ao mundo. Tremia dos pés à cabeça enquanto a tempestuosa tormenta rugia às suas costas.

— Ajude-me, por favor.

A estranha cambaleou em direção ao chão no instante em que suas forças se esvaíram. Mary a amparou e a acolheu em sua casa sem pensar nas consequências que uma mulher solteira enfrentaria por tal decisão.

Servindo de apoio para a jovem, a conduziu até o quarto e a ajudou a despir o vestido molhado antes de acomodá-la sobre a cama.

Como a única experiência de Mary com nascimentos se resumia a ter auxiliado a mãe no parto de uma prima quando contava com a idade de quatorze anos, pensou que seria prudente pedir ajuda à Selina. No verão anterior, sua amiga vivera a experiência de trazer uma criança ao mundo. Saberria como adotar procedimentos seguros para que os riscos do parto fossem reduzidos.

— Voltarei com ajuda — Mary informou, ao amarrar a fita do casaco sobre a cintura.

O olhar atormentado da jovem encontrou o seu. Havia desespero e temor nos bonitos olhos azuis. Com uma força descomunal, a desconhecida agarrou o braço de Mary e suplicou com a voz vacilante:

— Não vá, por favor. Temo não conseguir...

Sua voz foi silenciada por um grito de dor, o belo rosto contorcendo-se em uma careta. Gritos angustiados rasgaram o silêncio, o que levou Mary a abandonar a decisão de buscar ajuda. Apesar de Selina morar a poucas milhas de distância, existia a possibilidade de não retornar a tempo.

— Não tema. — Mary segurou nas mãos da jovem, firmando o olhar sobre o seu. Nenhuma mulher deveria estar sozinha em um momento tão delicado e aterrorizante. — Estarei ao seu lado.

O fraco sorriso que recebeu em troca foi o que lhe deu ânimo para seguir com o insensato plano de conduzir um parto sem assistência.

— Qual o seu nome, querida? — Mary perguntou à jovem enquanto resgatava panos limpos de um baú aos pés da cama. Precisava reunir os materiais necessários o mais breve possível.

— A... Amelia. Sra. Amelia Morris.

— Seu marido...?

— Morto.

Seus olhares voltaram a se encontrar.

— Sinto muito. Sua família?

Amelia meneou a cabeça, os dedos cravados nos lençóis da cama.

— Não tenho família — conseguiu dizer entre ofegos espaçados.

Mary assentiu com seriedade antes de partir na direção do outro cômodo. Na área da cozinha, bombeou água em duas panelas grandes antes de posicioná-las no suporte da lareira.

Ao ouvir um grito entrecortado de Amelia, Mary aproximou-se do leito. A vela que ardia no candelabro jogou luz sobre o rosto pálido. Nesse momento, percebeu que era mais jovem do que pensara a princípio. Talvez quatro ou cinco anos mais nova, o que a colocaria na faixa dos dezessete, dezoito anos.

— Preciso que empurre com força, muita força — Mary pediu, voltando a segurar a mão de Amelia. — Consegue fazer isso?

— *Na-não* sei... — a jovem respondeu com a voz fraca antes de suas feições assumirem um ar aterrorizado. — Não quero morrer, por favor! Não posso deixar meu bebê sozinho!

Por um instante, a possibilidade intrometeu-se no otimismo de Mary. O que faria se Amelia não resistisse ao parto? Como explicaria sua presença na casa ou faria os arranjos necessários para... *Não*. Não iria pensar nas agourentas probabilidades. Colocou um sorriso no rosto e procurou acalmar os próprios temores.

— Tem minha palavra de que traremos essa criança ao mundo e de que irá segurá-la em seus braços — garantiu à Amelia.

Ao retornar à cozinha para verificar as panelas, fechou os olhos e murmurou todas as preces que conhecia.

I

“Amou bastante, embora sem prudência”

OTELO – ATO V - CENA II
WILLIAM SHAKESPEARE

Capítulo I

— Não é possível que esteja considerando o assunto, Mary!

Ignorando o falatório aborrecido de sua irmã mais velha, Mary Colburne continuou a armazenar em uma saca de lona os itens essenciais para a viagem até Gloucestershire. Massageando os músculos cansados em seu pescoço, lançou um olhar ao único relógio existente na casa. Como aos vinte e sete anos sua visão começava a mostrar sinais de cansaço, teve de apertar os olhos para conseguir compreender a posição dos ponteiros de ferro. Restavam ainda dois quartos de hora para as duas da tarde, o que significa que não estava atrasada como havia imaginado. Permitindo que a tensão abandonasse seu corpo, voltou a se dedicar a tarefa de guardar seus pertences enquanto Abigail continuava a censurá-la.

Apesar do falatório incessante e alterado de sua irmã, os pensamentos de Mary encontravam-se distantes. Ao olhar para o relógio recordara o dia em que o trouxera para casa. A peça, ornada com filetes de ouro e entalhes angelicais em suas extremidades, havia sido um presente de Lady Dowding antes que partisse desse mundo da mesma forma como conduzira a maior parte de sua vida: *sem qualquer aviso*. A generosa dama levantara-se pela manhã; tomara o desjejum em seu quarto e sentara-se na cadeira em frente à janela com as agulhas de tricô e um xale inacabado. Como parte da rotina do trabalho de acompanhante, Mary adentrara o aposento carregando um modesto arranjo de flores em que narcisos e margaridas disputavam o protagonismo. Enquanto transmitia à Lady Dowding os cumprimentos do vigário, dispôs as flores em um vaso na mesa de cabeceira. Ao notar a ausência de respostas de sua interlocutora, Mary caminhara até a poltrona da janela. À primeira vista, os olhos fechados de Lady Dowding causaram a impressão de que desfrutava de um cochilo. Impressão essa que era acentuada pelo meio-sorriso formado por seus lábios. As mãos cruzadas sobre o colo seguravam um carretel de linha, enquanto o sol da manhã iluminava as feições serenas.

A morte de Lady Dowding poderia ser descrita como pacífica e, se Mary tivesse alguma imaginação, *poética*. Era uma perspectiva acalentadora, especialmente se a comparasse com outro episódio recente em sua vida em que a hora extrema não fora misericordiosa nos momentos que antecederam o último suspiro de sua amiga mais querida. Ainda sentia arrepios no corpo ao recordar os olhos opacos e a...

— Não está ouvindo uma palavra do que digo!

Mary encarou a irmã, a expressão confusa. Os cabelos pretos de Abigail, presos em um apertado nó, eram da mesma tonalidade dos seus, porém, apresentavam uma quantidade significativa de fios brancos entremeados aos de coloração escura. Os olhos castanhos e redondos era outra similaridade compartilhada pelas irmãs Colburne. Eram muito parecidas fisicamente, mas opostas em temperamento. Mary acreditava que a morte do marido de

Abigail, ocorrida quatro anos após o feliz enlace, fora responsável por transformá-la em uma pessoa amargurada e infeliz. Nem mesmo a filha, que viera ao mundo cinco meses após o triste acontecimento, fora capaz de aplacar sua tristeza. Com o nascimento de Nancy, o herdeiro de seu marido se apossara legalmente da pequena propriedade em que viviam. Ter sido obrigada a abandonar o próprio lar com uma recém-nascida nos braços, apenas aumentara a aspereza de seus sentimentos. Restara à Abigail retornar à casa onde crescera. Chegara a Charlton em uma tarde particularmente fria de dezembro, trazendo na bagagem alguns poucos móveis herdados do marido, dois baús com seus pertences e uma disposição infinita para arruinar a felicidade daqueles que cruzassem seu caminho.

Sem contradizer a acusação da irmã, Mary ponderou sobre as decisões práticas para a viagem até Gloucestershire. Fora informada de que a diligência fazia uma parada em Crekelade¹, mas não contava com moedas suficientes para a compra de provisões sem que comprometesse suas economias. Diante do cenário, decidiu acrescentar à bagagem um pedaço de pão para Ellie. O trajeto não costumava ocupar mais do que sete horas de um dia, mas imprevistos não podiam ser evitados com otimismo, especialmente quando sua companheira de viagem era uma criança.

Mary levantou o olhar aborrecido na direção da irmã mais velha enquanto embrulhava o pão em um pedaço de linho. Para chamar-lhe a atenção, Abby agarrara seu braço, exercendo uma força desnecessária.

— Não irei permitir que se responsabilize por esse *fardo!* — Abigail a repreendeu severamente.

Enquanto se desvencilhava do aperto doloroso, Mary lançou um olhar de alerta na direção do quarto onde Ellie e a pequena Nancy dormiam.

— Mantenha o tom de voz baixo — pediu com a voz cansada. Já haviam discutido pelo mesmo motivo horas atrás. E no dia anterior. E no dia anterior àquele. — Elena não é um fardo. É uma criança inocente. Tenho o dever de protegê-la.

— Não a trate como uma inocente! É filha do pecado, uma aberração, uma...

— Não temos certeza das circunstâncias de seu nascimento e jamais tive razões para duvidar das histórias contadas por Amelia — Mary retrucou em tom defensivo enquanto voltava a atenção para a tarefa que havia sido interrompida. — Tudo o que sei é que uma mulher bateu em minha porta e implorou por ajuda em meio a uma terrível tempestade com uma criança prestes a vir ao mundo. Que espécie de caráter eu teria se não a ajudasse? Recorda a passagem da bíblia? “*Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?*”

— Cinco anos parece-me tempo mais do que suficiente para se compadecer das mazelas alheias — ironizou Abigail. Como o fogo nos olhos de sua irmã manteve-se aceso, aproximou-se de Mary e tocou gentilmente em seu braço, mudando o tom brusco e acusatório para um tom conciliador. — Mary, você acolheu essa *meretriz* na casa que pertenceu a nossos pais e manteve um teto sob sua cabeça por cinco anos. É louvável o que fez, mas não existe qualquer obrigação cristã em manter a menina. Leve-a até a igreja. O Sr. Gordon irá encaminhá-la a um lugar onde são acolhidas crianças em circunstâncias infelizes.

— Fala como se Amelia tivesse vivido de caridade nesta casa, o que não é o caso. Contribuiu com o nosso sustento assim que teve forças para se levantar da cama.

¹ Atualmente, Cricklade. A grafia antiga corresponde a uma marcação cartográfica feita em 1611 por John Speed (1551 ou 1552 – 28 de julho de 1629), famoso cartógrafo e historiador

— Deixe-me dizer como sua *amiga* trazia moedas para casa. — O tom brando abandonou a voz de Abigail. — Gostava de alardear que era uma pobre viúva sem moradia, mas a verdade é que ganhava seu sustento seduzindo e levando homens para cama. Era uma Jezabel! Uma alma condenada a arder até o dia do juízo final! Seus pecados a seguirão ao inferno e essa criança — cuspiu a palavra com desdém, apontando na direção do quarto — terá o mesmo destino sórdido da mãe. Traz a cor do pecado e da luxúria em seus cabelos.

— É sobre uma criança que estamos falando! Como pode ser tão cruel? Não irei permitir que profane o lugar em que viveram nossos pais!

— O lugar foi profanado quando trouxe uma pecadora para dentro de casa! Nossos pais jamais teriam aceitado que uma meretriz se sentasse à mesa! — Abigail continuou seu ataque, instigada pelas palavras acusatórias da irmã. — Está enganada se pensa que uma família aristocrata irá aceitar a presença de uma criança como aquela! Estarei à espera de um pedido de desculpas quando retornar de Gloucestershire e espero que tenha a decência de abandonar essa cria do diabo em um abrigo!

Mary continuou a empacotar seus pertences, ignorando a presença da irmã, que a observava com um olhar de reprovação. Sabia que de nada adiantava argumentar. Desde o primeiro momento em que colocaram os olhos uma sobre a outra, Abigail antipatizara com Amelia, estendendo seu maldoso preconceito à Ellie. Seus pensamentos a levaram ao encontro da noite em que acordara com batidas insistentes em sua porta. Recordava a estupefação que sentira ao se deparar com uma jovem prestes a dar à luz. Com sua ajuda, a então desconhecida trouxera à vida uma adorável garotinha de cabelos ruivos. À medida que os dias transcorriam, tornou-se evidente que Amelia não pretendia revelar suas origens. Todavia, assegurara ser uma jovem criada nos princípios cristãos, apesar da inusitada circunstância em que haviam se conhecido. De acordo com seus relatos, perdera o marido — e a maior parte de suas economias — para uma bala certa de um bandoleiro de estrada enquanto seguiam na direção de Pewsey. O Sr. Morris havia sido um mascate, por esse motivo, não possuíam residência fixa e costumavam seguir a rota do dinheiro. Apesar de Amelia, em raras ocasiões, ter compartilhado parte de seu passado, Mary jamais soube quais eram suas verdadeiras origens.

Para justificar sua presença aos habitantes do vilarejo, compartilhara com seus conhecidos a história de que Amelia era uma das primas de sua mãe, que viviam próximas à fronteira da Escócia e que, tal como Abigail, enviudara antes que o marido tivesse a oportunidade de conhecer a filha. A história com ares trágicos ganhara notoriedade e simpatia, ainda que ninguém soubesse explicar em que momento a jovem havia sido acolhida por Mary em sua casa, visto que não haviam presenciado a sua chegada em nenhuma das diligências. Os habitantes do vilarejo, que pregavam com fervor os preceitos morais, criaram histórias desfavoráveis sobre o passado de Amelia.

Não tardou para que a notícia de que abrigava uma estranha em sua casa chegasse aos ouvidos de Abigail. Sua irmã escrevera uma longa carta em que se dizia horrorizada por tomar conhecimento de que ela havia profanado a memória da mãe ao imputar-lhe uma história inverídica sobre uma prima viúva que aparecera em um estado delicado. Mary tentara justificar-se por meio de palavras conciliatórias — e os adjetivos mais elogiosos acerca do caráter de Amelia — com a esperança de que Abigail acabaria por simpatizar com a situação de uma jovem mãe que não contava com o apoio de uma família, mas em vão. Outras cartas se seguiram à primeira até que as correspondências cessaram de vez e as irmãs entraram em um acordo tácito de não voltarem a mencionar o assunto.

As palavras duras sobre Ellie, proferidas amargamente por Abigail, voltaram a assombrar as otimistas expectativas de Mary sobre o futuro no instante em que os acontecimentos do passado a trouxeram de volta ao presente.

Quando conseguira o posto de criada de quarto da condessa de Berwich, por meio de uma carta de recomendação da sobrinha de Lady Dowding, Mary não imaginara que no dia de sua partida estaria levando uma criança em sua companhia. Amelia havia contraído uma grave infecção a partir de um corte acidental em um dos dedos, ao manusear uma faca de cozinha. Por quase uma semana lutara com uma febre delirante, que acabou sendo responsável por silenciá-la para sempre.

Mary sequer cogitara a possibilidade de deixar a filha de Amelia aos cuidados de Abby. Estava certa de que sua irmã a abandonaria à própria sorte na primeira oportunidade que se apresentasse. Por esse motivo, decidira levar a pequena Ellie a Gloucestershire.

A sobrinha de Lady Dowding descrevera a condessa de Berwich como uma mulher amável e compreensiva ainda que, por vezes, tendesse a um comportamento exagerado e sentimentalista. Quando a encontrasse, Mary apelaria para sua bondade ao contar a história de Ellie. Teria que utilizar alguns floreios para que a dama não caísse no mesmo erro de julgamento de Abigail, mas esperava convencê-la a aceitar que a pequenina vivesse na casa.

— Por que acredita que o Sr. Willis mudou de opinião a seu respeito?

Mary fechou os olhos ao ouvir a voz desdenhosa da irmã e pediu paciência aos céus. Em sua experiência, não havia argumento capaz de dissuadir Abigail quando tinha a intenção de distribuir insultos. Recordou o último sermão do reverendo que, curiosamente, abordara a perversidade humana: *“Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra.”* Lidar com os humores instáveis de Abigail era uma excelente oportunidade para colocar os ensinamentos cristãos à prova.

— Prefere o silêncio porque conhece a verdade. — Sua irmã continuou a provocá-la. — Nenhum homem decente aceitaria desposar uma mulher que viveu na companhia de uma rameira!

Mary escondeu a tristeza ao recordar o querido Patrick e a abrupta despedida entre os dois antes que ele voltasse os olhos e as atenções a outra moça do vilarejo. Negara ter sido influenciado por Abigail, mas Mary tinha conhecimento de que a irmã vinha desfiando observações dúbias a respeito de Amelia a qualquer pessoa que estivesse disposta a ouvi-la. Era esperta o bastante para não desmentir completamente a informação de que eram primas, afinal, prejudicaria não apenas a própria reputação como a de sua filha. Mas não perdia a oportunidade de lançar dúvidas sobre o caráter de Amelia.

Decidida a ignorar os insultos da irmã, Mary dirigiu-se ao quarto, sem notar o som apressado de passos curtos e rápidos que retornavam à cama armada próxima à janela.

Acreditando que Ellie dormia profundamente, ajoelhou-se ao lado do leito improvisado, afastando os cabelos ruivos das pálpebras da criança antes de colocar os lábios sobre sua testa.

Ellie tremeluziu os olhos antes de abri-los teatralmente. Mary sorriu ao encontrá-los, observando o rostinho salpicado por sardas.

— Lembra-se de que comentei que iríamos para uma nova casa? — perguntou com amabilidade. A garotinha, que se transformara repentinamente no centro de sua vida, concordou com um aceno. Seus olhos, de uma tonalidade impressionante de azul-violeta, a encararam com receio. Para afugentar seus medos, Mary apertou delicadamente suas

bochechas e exclamou com uma voz animada: — É chegada a hora de partimos rumo a uma grande aventura!

Ellie abaixou o olhar antes de dirigi-lo à porta entreaberta.

— A Sra. Perkins irá nos acompanhar? — perguntou, a ansiedade refletida em sua voz.

Mary meneou a cabeça, maldizendo Abigail em pensamento. Em poucos meses de convivência, havia aterrorizado Ellie a ponto de a menina temer a sua presença.

— Abby e Nancy permanecerão em casa — assegurou.

— Não verei mais a Nancy? — Ellie indagou em um tom de voz choroso enquanto olhava para a cama onde a filha de Abigail, prestes a completar um ano, dormia tranquilamente.

Mary acariciou os cabelos ruivos com um sorriso, colocando uma mecha atrás de sua orelha.

— Não se preocupe, pequenina. Voltaremos a Charlton para visitar Nancy sempre que possível. Agora, levante-se e calce seus sapatos. Precisamos partir ou perderemos a diligência.

Ellie atendeu o pedido em silêncio. Mary sentou-se sobre a cama com um suspiro pesaroso escapando dos lábios. Passou as mãos sobre o rosto, procurando clarear os pensamentos. O que faria se a condessa não as aceitasse? Como iriam se sustentar? A carta de recomendação da sobrinha de Lady Dowding a ajudaria a conseguir outra oportunidade? Suas economias eram suficientes para que tomasse uma diligência com destino a Londres, caso necessário, mas não havia garantias.

Afastando os próprios temores, observou Ellie vestir com cuidado o casaco que costurara a partir do tecido de uma das capas que pertencera a Amelia. No dia seguinte a sua morte, Mary adaptara a peça de vestuário para que Ellie sempre carregasse uma parte de sua mãe consigo. A pequena ficara tão entusiasmada com o presente que dormira aconchegada a seu novo casaco com uma trilha de lágrimas a marcar o delicado rostinho.

Mary fechou os olhos. Com o dorso da mão enxugou a umidade que escorria em sua bochecha. Foi quando sentiu um toque em seu joelho que fez com que voltasse a abrir as pálpebras. Ellie estava parada à sua frente com um olhar preocupado. Mary inclinou-se, segurou em seus ombros e esboçou um sorriso.

— Ficaremos bem, Ellie. — Encontrou conforto nas próprias palavras, ditas em voz alta.

— Você será minha nova mamãe?

Mary entreabriu os lábios, mas as palavras falharam.

Oh, Deus? O que deveria dizer?

— É o que gostaria? — devolveu a pergunta com a voz embargada.

Ellie deu de ombros.

— Não sei.

Mary riu de sua espontânea sinceridade e abotoou seu casaco.

— O que acha de continuar a me chamar de prima Mary?

Ellie confirmou com um breve e tímido aceno.

— Sempre estará ao meu lado, prima Mary?

Mary engoliu a angústia em sua garganta e conseguiu sorrir.

— Sempre, meu amor. *Sempre.*

Quando a carruagem em que estavam Mary e sua protegida atravessou grandes e imponentes portões de ferro retorcido, Ellie colocou a cabeça para fora da minúscula janela e sorriu ao avistar um grande balanço, preso com grossas cordas ao tronco de uma árvore. Não havia nada, em todo o mundo, que gostasse mais do que se balançar com a esperança de que alcançasse o céu. Talvez conseguisse avistar sua mamãe sentada em uma nuvem com suas grandes asas de anjo.

— Prima Mary! Veja! — Ellie a agarrou pelo braço e apontou para o objeto de seus desejos. — Poderei brincar no balanço?

Mary encarou os expectantes olhos azuis-violeta, abominando a sensação de ter que desapontá-la.

— O que eu disse sobre o lugar para onde estamos indo?

— Que eu deveria me comportar e não andar pela propriedade. — A expressão de Ellie murchou enquanto recostava as costas sobre o assento macio da carruagem e cruzava os braços na altura do peito.

— Ouvi dizer que a condessa é uma mulher generosa. Talvez conceda uma autorização para que brinque no balanço por uma tarde. O que acha? — Mary tentou animar a pequena.

— Uma tarde? — Ellie a encarou com uma careta. — Por que não posso brincar no balanço todos os dias?

Mary sorriu com ternura e depositou um beijo em sua testa. As feições de Ellie se suavizaram com o gesto carinhoso, mas continuou a sustentar o ar de desapontamento.

— Gostaria que fosse possível prometer tal extravagância, mas lembre-se de que teremos de convencer a condessa a nos aceitar.

Prima Mary voltou o olhar para a janela com as mãos posicionadas sobre as pernas. Retorcia os dedos — envoltos por gastas, porém, delicadas luvas — com aparente nervosismo. Trajava um dos vestidos de que Ellie mais gostava. Era amarelo e vibrante como o sol. Ao longo do tecido havia minúsculas florezinhas brancas que lembravam margaridas.

Ellie pensou que prima Mary ficava muito bonita com os cabelos penteados para trás e protegidos pelo chapéu de palha. Recordou a vez em que sua mamãe Amelia declarara que em breve assistiriam a um casamento, pois o Sr. Willis se aproximara com a intenção de fazer a corte à Mary. Não imaginava o que significava fazer a corte a alguém, mas deveria ser realmente algo muito bom, pois as bochechas de prima Mary ficaram da cor do tomate na ocasião. Entretanto, o casamento esperado não se concretizara e Ellie fora instruída por sua mãe a não tocar no assunto com prima Mary e jamais mencionar o Sr. Willis na presença da rigorosa Sra. Perkins.

Por quatro anos e meio de sua curta existência, Ellie se sentira amada e protegida. Toda a feliz perspectiva de sua vida mudara no instante em que a Sra. Perkins e sua filha vieram residir na casa onde viviam. As duas irmãs, tão distintas em comportamento, estavam sempre em discordância e mais de uma vez levantaram a voz uma para outra. Ellie não compreendia a maioria dos assuntos que discutiam, mas com frequência ouvia o seu nome e o de sua mãe serem pronunciados nas acaloradas discussões. Com a chegada da Sra. Perkins e de Nancy, Ellie e Amelia passaram a dormir no estreito sofá da sala ao invés do quarto que dividiam com prima Mary. Em uma noite particularmente fria e chuvosa, acordara assustada com os assovios do vento adentrando as frestas da janela. Escondera o rosto em meio as cobertas, aconchegando-se ao calor do corpo de sua mãe. Foi quando notou os angustiados soluços. Imaginando que sua mãezinha também se encontrava assustada com o barulho da chuva, passou um braço ao redor de sua cintura para confortá-la. O pranto

de sua mãe tornou-se ainda mais intenso. Ellie encolheu-se com a convicção de que agira de forma inapropriada. Porém, no instante seguinte, Amelia a aconchegou em seus braços e a abraçou apertado, sussurrando em seu ouvido que tudo terminaria bem. Teriam para sempre uma à outra, dissera, embora tivessem que se despedir de Mary e encontrar outro lugar para viver.

Ellie começava a se acostumar com a ideia de deixar Charlton quando uma enfermidade inesperada levava sua progenitora para os braços do Criador. Em uma manhã incomumente ensolarada, Mamãe Amelia fora colocada em uma caixa de madeira e enterrada sob a terra, igualzinho às sementes que prima Mary gostava de cultivar no jardim. Assim que compreendeu que não voltaria a encontrar sua mãe, Ellie entregou-se a um pranto angustiante até não restar mais fôlego em seus pulmões. E, para evitar que a Sra. Perkins a beliscasse sempre que suas lágrimas caíam, aprendeu a chorar baixinho sob as cobertas para que ninguém notasse sua tristeza.

Antes de partirem na bonita — *e apertada* — carruagem da diligência em direção a Gloucestershire, Mary levou Ellie até o local de descanso de sua mãe. Juntas, fizeram uma prece aos céus e partiram de mãos dadas rumo a uma nova aventura.

A carruagem de aluguel parou diante de uma curta escadaria de mármore que conduzia à porta de entrada da maior casa que Ellie já vira na vida. Seus lábios se entreabriram ao avistar a fachada majestosa em tons claros. Era tão alta que as torres pareciam tocar as nuvens do céu. Subindo no colo de Mary, afastou a cortina que emoldurava a janela da carruagem e distraiu-se com a beleza dos vitrais coloridos do último andar.

— Esse é o castelo da Rainha Charlotte, prima Mary? Mamãe contou que esteve em seu castelo e que as janelas brilhavam como as estrelas no céu.

Mary encarou sua protegida e ocultou o divertimento por trás de um sorriso. Imaginou que Amelia havia contado à Ellie uma de suas histórias fantasiosas sobre reis e rainhas.

— Não é o castelo da Rainha — Mary respondeu enquanto Ellie se debruçava sobre a janela da carruagem com uma expressão inocente de deslumbramento. — Estamos na propriedade de Lorde Berwich.

Ellie continuou a realizar uma inspeção minuciosa da casa. Havia um total de quatro andares. As janelas laterais, em formato guilhotina, seguiam o mesmo padrão harmonioso da fachada.

Esticando o dedo indicador, Ellie apontou para as janelas. Contou uma, duas, quinze janelas! Apenas não terminou a contagem por não estar certa se o número seguinte era o dezesseis ou o dezessete.

— Sente-se, Ellie.

Ellie notou a mudança brusca no tom de voz de sua guardiã quando esta a colocou gentilmente sobre o assento. Os olhos de Mary encaravam com cautela a figura de um homem alto que descia as escadas em frente à porta de entrada. Seria este o lorde de nome esquisito?

O homem aproximou-se da carruagem com um olhar indagador, ostentando roupas sóbrias e um porte elegante. Mary ajeitou o chapéu sobre a cabeça e esticou o pescoço para fora da janela.

— Bom dia, senhor — cumprimentou-o com um tom de voz amigável, apesar do nervosismo. — Sou a Srta. Colburne de Charlton St. Peter.

Como o mordomo — ou ao menos Mary supunha que se tratasse do mordomo — continuou a encará-la com modos austeros e desconfiados, acrescentou:

— Enviei uma missiva à Sua Senhoria dizendo que me apresentaria no dia de hoje como sua criada de quarto.

— Certamente, Srta. Colburne. — A voz do senhor soou muito mais agradável do que teria esperado. — Fui informado sobre sua chegada. Sou o Sr. Thompson, mordomo de Sua Senhoria. Imagino que seus pertences estejam na carruagem?

— De fato, sim.

O mordomo assentiu.

— Pedirei ao cocheiro que conduza a carruagem até a entrada lateral. Recebi ordens para que a acomodasse em seu aposento. Poderá se apresentar à condessa quando estiver descansada da viagem.

Mary hesitou diante da incomum cortesia de seus novos empregadores. Certo era que uma criada de quarto ocupava uma das posições mais elevadas da criadagem, comparando-se ao mordomo e à governanta, mas não havia esperado um tratamento tão digno.

— Algo errado? — o mordomo indagou ao notar sua hesitação.

— Sim — respondeu Mary, distraída. Ao observar o levantar de sobranceiras do mordomo, acrescentou: — Na verdade, não. Porém, tenho a necessidade de falar com Sua Senhoria antes de dispensar o cocheiro. Não estou sozinha, compreende?

A partir da expressão confusa do mordomo, Mary obteve sua resposta. Tentando conter a ansiedade, voltou o corpo para dentro da carruagem e fez com que Ellie aparecesse à janela.

Se o Sr. Thompson ficou surpreso por estar acompanhada por uma criança pequena, não demonstrou em suas feições e tampouco verbalizou o que ia em seu pensamento. Sem dizer uma única palavra, abaixou a escada da carruagem e abriu a portinhola. Com um gesto elegante, estendeu a mão para ajudá-la a descer.

— Queira me acompanhar, Srta. Colburne — instruiu com toda a deferência possível, como se ela se tratasse de uma dama bem-nascida, o que de fato era. Mary era sobrinha de um barão por parte de pai. — Sua Senhoria está prestes a partir para uma visita, mas estou certo de que irá recebê-la para tratar de seu... assunto.

O cocheiro recebeu ordens para que aguardasse a resposta da conversa entre a condessa e sua nova criada de quarto, enquanto Mary e a pequena Ellie foram conduzidas para o interior da casa e convidadas a esperar em uma sala de visitas de tamanho modesto, porém, ricamente decorada. Impressionantes painéis de madeira, pintados de branco e adornados com um material que reluzia como o ouro, cobriam as paredes do aposento. O teto de gesso exibia magníficas pinturas celestiais e uma elegante harpa ocupava lugar de destaque junto às portas francesas que pareciam conduzir a um terraço.

Impressionada com o esplendor de um ambiente que jamais sonhara existir, Ellie observava todos os detalhes do aposento com atenção. Desde as miniaturas de porcelana chinesa sobre o aparador até as pinturas bucólicas nas paredes. Com um olhar curioso, ergueu-se na ponta dos pés para analisar o retrato sobre a cornija da lareira. A dama retratada usava uma roupa engraçada e um chapéu pontudo de onde descia um grandioso véu preto. Estava prestes a perguntar se aquela era a Rainha quando Mary ajoelhou-se ao seu lado e colocou as mãos sobre os seus ombros.

— Recorda as instruções que lhe dei na carruagem?

Apesar de haver um sorriso no rosto de prima Mary, Ellie conseguiu perceber seu nervosismo. Respondeu com um aceno tímido, perguntando-se o que teria feito de errado.

— Deve se dirigir à condessa apenas se uma pergunta for feita — continuou Mary — e deverá chamá-la de milady. Consegue fazer isso?

A resposta de Ellie veio em outro assentimento silencioso. Mary sorriu para encorajá-la e ajeitou com ternura as lapelas do casaco da pequena. Ao erguer-se, encarou a porta com nervosismo, aguardando o retorno do mordomo. Repassou mentalmente o que diria à condessa para convencê-la a aceitá-las. Caso fosse dispensada antes mesmo de ter a oportunidade de exercer suas funções, Mary usaria suas economias para levá-las a Londres. Imaginava que não teria dificuldade em arranjar uma acomodação modesta em uma respeitável pensão, enquanto procurava por um novo emprego.

Deixando as preocupações de lado, Mary voltou a encontrar o olhar de sua protegida, notando a discreta umidade nos olhos azuis-violeta.

— Ellie? — indagou, preocupada. — O que houve?

Com os lábios trêmulos pelo choro contido, Ellie encarou prima Mary.

— Serei levada para o lugar onde ficam as crianças que não tem uma mamãe? — Ellie enxugou as lágrimas com as laterais dos dedos e mordeu os lábios. — Ouvei a Sra. Perkins dizer que seria melhor se eu estivesse em um... um... o lugar para onde vão as crianças *inteligentes*.

— *Infelizes?* — Mary perguntou, confusa. Com frequência, Ellie trocava as letras das palavras. — Refere-se a um abrigo?

Ellie anuiu e recebeu um inesperado abraço de sua guardiã. Encostou o queixo em seu ombro e soluçou, derramando as lágrimas que tanto tentara conter. Não gostaria de perder Mary como perdera mamãe Amelia.

— Oh, pequenina! — Mary exclamou com a voz embargada, sentindo que as lágrimas também se acumulavam em seus olhos. A crueldade de Abby não deixava de surpreendê-la. — Jamais a enviarei para um abrigo, não importa o quanto a situação se torne difícil.

Enquanto estavam abraçadas, a porta foi aberta para dar passagem a mulher mais bonita que Ellie já vira em sua vida. Os cabelos castanhos e brilhantes estavam recolhidos em um penteado trançado que dava voltas em sua cabeça. Os olhos eram da cor das folhas das árvores na primavera e era um palmo mais alta do que Mary.

Preso a uma admiração desconhecida, Ellie apertou a mão de sua guardiã e sussurrou:

— Essa é a...

— Não — Mary sussurrou de volta com um sorriso. — Essa não é a Rainha.

Sentindo o nervosismo de Mary ao ser apresentada à Lady Berwick, Ellie permaneceu em silêncio, agarrada as suas saias. Enquanto os adultos trocavam palavras que não compreendia, deixou que seu olhar vagasse pelo lindo vestido da dama. Era azul da cor do céu com delicadas rendas a enfeitar as mangas e a barra da saia. Mas foram as pedrinhas redondas e brancas, que pendiam graciosamente de suas orelhas, o que mais lhe chamou a atenção na sofisticada aparência da condessa. Olhava hipnotizada as joias, sem saber que se tratavam de refinadas pérolas.

O aposento tornou-se subitamente silencioso. Ellie percebeu que o olhar da dama se encontrava fixado em seu rosto. Sentindo um constrangedor acanhamento, encolheu-se e abaixou o olhar.

— Recebi referências impecáveis sobre o seu serviço por meio da sobrinha da falecida Lady Dowding, mas deve admitir que esta é uma situação atípica. — Ouviu a condessa proferir as palavras em um tom rigoroso. Ellie ergueu o olhar e a encarou furtivamente por trás da saia de Mary. — Esperava receber uma mulher solteira e não uma viúva. Há de concordar que a presença de sua filha nesta casa é pouca apropriada.

— Peço perdão pelo atrevimento, milady — Mary desculpou-se, parecendo envergonhada. Ellie sentiu uma leve pressão na mão que mantinha sobre a sua. — A pequena não é minha filha, embora deva acrescentar que teria grande orgulho se este fosse o caso. Transformou-se em minha responsabilidade após a morte de minha prima. É muita esperta e aprende rápido suas tarefas. Tenho certeza de que será de grande valia para os serviços da criadagem em poucos anos. Foi instruída a não perambular pela casa e compreende seu lugar. Se consentir com a nossa permanência na casa, verá que é uma criança muito prestativa e educada.

A condessa voltou a encarar Ellie. As belas feições demonstravam curiosidade enquanto ponderava sobre o assunto. Um minuto inteiro se passou sem que dissesse uma única palavra. Mary estava prestes a voltar a se desculpar quando Lady Berwich ordenou a Ellie:

— Aproxime-se, criança.

Assustada, Ellie ergueu o olhar para Mary. Com um sorriso, sua guardiã soltou sua mão e a empurrou gentilmente na direção da condessa, ao mesmo tempo em que proferia palavras de encorajamento.

Ellie deu dois passos hesitantes à frente, as pequenas mãozinhas agarradas as laterais do casaco. Lady Berwich, com seu porte majestoso, parecia-lhe terrivelmente assustadora.

— Qual o seu nome?

Antes de responder, Ellie lançou um olhar inseguro sobre o ombro na direção de sua protetora. Mary sorriu, motivando-a a prosseguir.

— *Elli...* — Suas bochechas esquentaram ao encontrar o olhar especulador da condessa. — Elena, *mi...* milady.

Tentou adivinhar se Mary estaria orgulhosa de sua apresentação. A julgar seu sorriso, imaginou que estivesse. Lembrara-se corretamente de se referir à condessa por aquele nome estranho e dissera seu nome de batismo ou invés do apelido.

Seguida suas palavras, Lady Berwich fez algo que Mary jamais teria esperado: abaixou-se para que pudesse ficar na mesma altura de Ellie.

— Não pareço tão assustadora, espero. Gosta de pérolas? — perguntou a condessa ao notar o interesse de Ellie.

Os olhos azuis-violeta se arregalaram antes que seus lábios murmurassem uma resposta acanhada.

— *A-acho* que *si-sim*.

— Quantos anos tem?

A menina ergueu os cinco dedos de uma mão, evitando encará-la.

Eleanor Chadwick, condessa de Berwich, meneou a cabeça lentamente enquanto pensava no problema que tinha em mãos.

O que deveria fazer a respeito da Srta. Colburne e sua protegida?

Pelo que compreendera, a mãe de Elena havia morrido recentemente. Estremeceu ao imaginar os próprios filhos sem o seu amparo e proteção. Condenava a atitude da Srta. Colburne de não ter informado a existência de uma criança sob a sua guarda. Porém, como seria capaz de negar sua permanência quando a pequena a encarava com meiguice e os olhos mais surpreendentes que já vira? Agnes, a sobrinha de Lady Dowding, assegurara a integridade moral da Srta. Colburne. Não estaria acolhendo uma viúva e sua filha, o que seria escandaloso e indecentemente inapropriado. Se aceitasse as duas em sua casa, o generoso gesto seria encarado como um bom exemplo de benevolência cristã. Os falatórios que, porventura, surgissem seriam rapidamente silenciados, pois não era possível encontrar

qualquer semelhança física, que sugerisse a existência de um parentesco entre a Srta. Colburne e sua protegida.

Chegando a uma decisão, a condessa dirigiu o olhar a Srta. Colburne.

Ellie, que continuava a observar a refinada dama com um interesse puramente infantil, chegou à conclusão de que a condessa não parecia *tão cruel*. Ao menos não como a Sra. Perkins, que gostava de beliscar seus braços sempre que Mary não estava presente.

— Muito bem, Srta. Colburne. — Lady Berwich levantou-se, aprumando a postura. — Se está certa de que sua pupila terá um comportamento exemplar, não vejo motivos para que não permaneçam na casa.

Mary apressou-se até Ellie com um sorriso no rosto e colocou as mãos sobre os seus ombros.

— Muito obrigada, milady — agradeceu humildemente, tentando conter a felicidade.

A condessa fez um gesto em assentimento e se retirou da sala de visitas cobrindo as mãos com delicadas luvas brancas. Mary recordou que ao chegar à propriedade o mordomo informara que Lady Berwich estava prestes a sair para uma visita. Reconheceu que havia sido um gesto atencioso de sua parte recebê-la em um momento pouco oportuno.

O dormitório designado à criada de quarto da condessa ficava localizado no sótão, próximo à escadaria utilizada pelos criados. Conforme avançavam em sua direção, a opulência representada pelo clássico refinamento da propriedade do conde fez com que a pequena Ellie se retraísse. Os cantos das paredes eram ricamente ornamentados com frisos de ouro. Os quadros retratavam deslumbrantes paisagens bucólicas com homens e mulheres de aparência aristocrática. Sentindo-se insegura, Ellie agarrou a mão de Mary e observou timidamente o homem alto e de cabelos parcialmente brancos que liderava o caminho. Sua voz grave preenchia o silêncio com instruções sobre a rotina da casa enquanto indicava os aposentos de interesse.

Ao pararem em frente a uma das primeiras portas do corredor do sótão, o mordomo finalizou o que dizia e girou a maçaneta com um floreio elegante.

As primeiras impressões de Mary sobre o seu dormitório foram bastante favoráveis. Havia um pequeno armário para os seus pertences e uma mesa com um lavatório de porcelana próxima à janela. O ambiente contava com uma iluminação natural que muito a agradava, além de ser limpo e acolhedor.

— Irá descobrir que os patrões são muito generosos, Srta. Colburne — o Sr. Thompson limitou-se a dizer com um discreto sorriso.

— Percebo... — Mary murmurou, esquadrinhando o quarto mais uma vez. Julgou que a cama era larga o suficiente para que ela e Ellie pudessem se acomodar com conforto.

— Haverá uma refeição à sua espera na cozinha — continuou o mordomo. — Desça a escadaria dos criados e vire à esquerda. Encontrará o cômodo no final do corredor.

O Sr. Thompson se retirou após orientá-la sobre os horários em que as refeições da família eram habitualmente servidas. Era esperado que sua primeira tarefa como criada de quarto da condessa fosse ajudá-la a se vestir para o jantar, que seguia os ditames do campo.

Quando a porta do aposento foi fechada, Ellie sentiu-se segura o bastante para se desvencilhar da mão de Mary e correr até a janela. Até onde sua vista alcançava, viu uma quantidade infinita de terra, grama e muitas, *muitas* árvores. Suas feições murcharam ao não conseguir avistar o balanço.

— Oh, Ellie! É mais do que poderíamos sonhar!

Aborrecida, a garotinha girou o corpo sobre as pontas dos pés em tempo de ver Mary abrir a gaveta da mesa de cabeceira.

— Que extraordinário!

Esquecendo-se momentaneamente de sua infelicidade, Ellie se aproximou curiosa. Mary entregou-lhe um maço de papéis para em seguida dar continuidade a sua exploração do interior da gaveta.

— O Sr. Thompson tem razão. O conde e a condessa são por deveras generosos. — Mary sorriu com entusiasmo ao erguer um pequeno frasco de tinta preta e uma pena. A perspectiva de um futuro brilhante sorriu-lhe de volta. — Poderemos enviar correspondências à Abby e eu a ensinarei a ler e a escrever.

Ellie fez uma careta ao ouvir o nome da Sra. Perkins. Esperava não ter que escrever-lhe cartas quando aprendesse a desenhar as palavras no papel.

— Prima Mary? — Ellie sentou-se na cama, balançando os pés no ar, enquanto sua guardiã tateava os bolsos do redingote, livrando-os de seu conteúdo. — Ficaremos nesta casa para todo o sempre?

Ellie temeu que a resposta fosse negativa. Apesar de gostar muito de Nancy e de ter certeza de que sentiria sua falta, não gostaria de voltar a viver na companhia da Sra. Perkins.

— Para sempre parece algo muito definitivo, não é mesmo? — Mary sorriu para apaziguar os temores de Ellie. — Mas creio que seremos felizes nesta casa enquanto a condessa aceitar a nossa presença. Antes de dormir, faremos uma prece especial em agradecimento. Estou aliviada por não precisarmos partir para Londres. Lady Berwick demonstrou uma bondade que eu não esperava. Não há como negar que é uma mulher sofisticada e de extraordinária beleza. Possui uma cor comum de castanho nos cabelos, mas seus olhos são como duas esmeraldas.

— O que são esmeraldas?

— São pedras preciosas.

O olhar de Ellie brilhou ao reconhecer uma das palavras.

— Mamãe Amelia dizia que eu era preciosa como as *péloras*.

Sua observação provocou um riso involuntário em sua guardiã.

— Como as *pérolas*, Ellie querida. — Mary desfez o laço do chapéu e o colocou sobre a mesinha de cabeceira. — Soube que a condessa tem uma filha pequena. Se empenhar-se com afinco em seu aprendizado, poderá se transformar em sua criada de quarto.

— O que é uma criada de quarto?

Mary sorriu diante das inúmeras perguntas de Ellie. A filha de Amelia sempre demonstrara uma aguçada curiosidade.

— É o posto que ocuparei nesta casa. Irei cuidar dos vestidos da condessa, ajudá-la a se vestir e fazer lindos penteados em seus cabelos.

— Como os das revistas que trazia da casa de Lady Dowding?

— Exatamente. — Mary a ajudou a desabotoar o casaco de viagem e o colocou sobre o espaldar da única cadeira que havia no aposento. — Vamos tirar seu sapato e colocá-la na cama. Tente descansar enquanto vou à cozinha. Trarei algo delicioso, prometo.

— Biscoitos de maçã? — perguntou Ellie, os olhinhos brilhando com a expectativa de comer algo além do pão murcho que fora obrigada a encarar durante a viagem.

— Verei se é possível. — Mary sorriu com carinho e a ajudou a se ajeitar na cama. — Descanse, pequenina.

Ellie atendeu a ordem e observou Mary deixar o aposento, fechando a porta atrás de si. Deitou-se de costas sobre o colchão mais macio em que já se deitara e olhou para o teto, pensativa. Prima Mary havia dito que voltaria, mas e se a deixasse sozinha naquela casa grande e desconhecida? Foi tomada por um ataque violento de seus maiores temores infantis. Sentiu as mãos frias e pegajosas enquanto seu coração batia descompassado.

— Prima Mary? — chamou com a voz chorosa.

Não houve resposta.

— Prima Mary? — Elevou o tom de voz, mas continuou a ouvir apenas o silêncio.

Ellie sentou-se na beirada da cama mordendo os lábios, os olhinhos úmidos.

Com passos incertos, aproximou-se da porta e segurou a maçaneta com ambas as mãos antes de girá-la. Uma fresta apareceu e Ellie espiou por entre o vão, analisando o corredor vazio. Recordou que Mary havia dito que não deveria perambular pela casa. Porém, o senhor de cabelos brancos — que piscara um olho na sua direção com um sorriso acolhedor quando as conduziu até o dormitório — dissera que havia uma refeição na cozinha e que poderiam utilizar a escada dos criados.

Abrindo a porta o suficiente para que se esgueirasse, Ellie avançou no corredor, abandonando os sapatos no aposento. Alcançou uma escadaria de pedra onde a escuridão imperava sobre a luz.

— Prima Mary? — sussurrou, dando o primeiro passo em direção aos degraus.

Apoiando as mãos na parede fria e áspera, desceu silenciosamente rumo ao desconhecido.